

## DO ATO DE AMAR CYRILLA

KHRONOS

**Regina Lúcia Ferreira Neves**

Curso de Comunicação Social da Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas — 4º ano

Cyrilla é de fato um nome estranho. Ainda mais escrito assim, com todos esses “eles” e “y”, cheirando a incunábulo, a nome de mártir cristã. Talvez fosse esse nome que tornasse impossível a vida com Cyrilla ou o melhor seria dizer que Cyrilla era impossível como o próprio nome.

E ele havia sentido esta impossibilidade tantas vezes! Nas palavras, nos gestos, nas reações inesperadas da mulher. Cyrilla, impossível amar você!

— Compra flor?

A pergunta do moleque soava sem sentido no bar.

— Flor pra que, meu filho? Estou sozinho.

— Leva pra casa.

Moleque esperto, pensou, mas mesmo que Cyrilla fosse uma presença à sua espera não haveria sentido a compra. Ela nunca disse que gostava de flor. É claro que ele sabia que mulher sempre gosta de flor mas, como prever Cyrilla? E, afinal, ele não iria nunca mais vê-la já que por ela poderia fazer qualquer coisa, menos sentir amor.

— Vai comprar, moço?

— Hoje não, filho.

— Só pra me ajudar.

Bem que podia, pensou. Mas seria sem sentido ficar ali, só, no bar, com a flor na mesa e depois ir embora carregando-a ou, então, deixá-la ali abandonada.

— Pra me ajudar, moço.

— Pode me dar, eu compro. “Estou mesmo ficando louco” pensou e disse para o moleque: — compro, mas com uma condição, que você nunca ame uma mulher que se chame Cyrilla.

— “O homem é louco” pensou o menino enquanto corria com o dinheiro na mão.

Poderia agora tirar alguns papéis da pasta e escrever mais um poema incompreensível de fossa. Mas quem pensa escrever para uma musa com um nome desgraçado daquele — Cyrilla, mulher e pedra/para Cyrilla, com uma flor —.

De repente ele se viu olhando para o fundo do copo vazio. E há muito já devia ter ido embora. Já fazia muito tempo que estava ali, embora a rosa ainda continuasse nova.

— Quanta idiotice, meu Deus! Horas e horas pensando em Cyrilla. Mulher idiota que se especializava em pensar o mundo e sujar filosofias e teorias adaptando-as à sua necessidade própria de amor. Cyrilla só decorava dos livros as frases soltas, de seu próprio interesse. Como repetir sempre “Sofrer passa, ter sofrido não passa nunca”. Leon Bloy tinha dito isso uma vez mas Cyrilla dizia a vida inteira!

O jeito era deixar o bar. O ar, a rua, a liberdade dos passos do homem sem destino, levariam para longe as lembranças de Cyrilla. Ficar ali era continuar pensando nela e ele não podia negar que isso às vezes doía porque Cyrilla tinha necessidades que ele não podia satisfazer: sonhos, ou melhor seria dizer quimeras, em se tratando dela. “Você me entende?”, “O que você acha de mim?”, “É ou não é?”, “Porque?”. Em torno destas perguntas girava o universo de Cyrilla.

Pobre louco de bar! E os momentos em que havia julgado amar Cyrilla, mais uma das minhas maluquices — pro-



curava uma saída para a vida e Cyrilla está bem em frente à porta. Tinha sido só por isso.

Era até engraçado. Cyrilla idiota metida a “cucal”, a livre, para depois se tornar tão imbecil diante do amor até matá-lo com frases do tipo “Você me ama?”

Mas o pior em Cyrilla eram seus contrastes: amava todo mundo mas era terrivelmente exclusivista com aqueles que a amassem e deixava de lado, sempre, toda a “cuca” para ter reações típicas de fotonovelas — “se me ama, tem que amar só a mim”; “se me ama tem que estar sempre junto a mim”; “se me amasse eu teria segurança a seu lado”. É, sorte de Jó que não conheceu Cyrilla ou ninguém teria ouvido falar dele pois nem a sua paciência resistiria diante do nariz trêmulo de Cyrilla amuada.

E houve o dia em que o mundo de Cyrilla ruiu. Ele era o seu mundo. E não adiantou explicar que não era um adeus, que tudo era um até breve. “Não adianta, sei que te perdi” tinha dito a mulher. “Nada disto, Cyrilla”, ele havia dito, “você sabe como ainda te amo” (e como doera a mentira!), “Sei que te perdi” ela havia repetido. E as lágrimas desceram pelas faces largas e o desespero o tomara, por ter que agüentar tudo aquilo:

— Não chore, Cyrilla. Não agüento ver mulher chorar!

— Bom seria que você não agüentasse ver Cyrilla chorar!

E depois, por um breve período, as cartas e os recados de Cyrilla e as visitas que era obrigado a lhe fazer depois de cada um deles. Até que um dia Cyrilla sumiu...

— Compra flor?

Agora era uma menina mas que se parecia em tudo com o outro. Ele olhou-a muito tempo até se lembrar de que ainda estava no bar.

— Compra flor? Rosa vermelha?

— Não, hoje não.

— Pra me ajudar.

Pronto, pensou, vai começar tudo de novo.

— Não, obrigado. Mas, olha, te dou esta flor de presente.

Ele se espantou com a reação da menina. Ela tomou a flor com gestos ávidos. Encostou-a contra o rosto. “Macia” ela disse e ele viu um nariz trêmulo e uns olhos cheios de lágrimas que não lhe eram estranhos. Pensou rápido na reação inesperada da menina e teve medo de tanta coincidência. Mas teimou em perguntar:

— Como você se chama?

— Maria.

— Tem certeza?

A menina o olhou assustada antes de responder.

— Tenho. É Maria.

Ele ficou parado e depois disse: ainda bem. Mas a menina já havia corrido e chamado os companheiros e agora estava mostrando aos vendedores de flores as maravilhas de SUA rosa. Quando ele finalmente deixou o bar os meninos ainda faziam roda em torno da flor. “Quem entende, pensou, pra que tudo isso, se vendem rosas como esta o dia inteiro?”

Deu de ombros e foi andando.

— Obrigado, moço.

Voltou-se. Era a menina e o seu nariz ainda trêmulo e os olhos cheios d’água mais uma vez não lhe pareceram estranhos. “Cachaça” pensou e em seguida “— Cyrilla teria aproveitado para citar novamente Leon Bloy: “Nenhum gesto de amor é mesquinho!”

— É Maria mesmo o seu nome, né?

— É sim, Maria, disse a menina.

Ele teve vontade de gritar quando percebeu que passara a noite inteira na companhia das lembranças de Cyrilla. Então sentiu com toda intensidade que a amava e que aquele amor era eterno.

E, para poder viver, fugiu novamente...